



Ficção e Realidade: duas faces da mesma moeda

Alexandre Santos

Comentário sobre a relação entre a ficção e a realidade.

O confronto da ficção com a realidade é um tema instigante. Vezes, sutil, vezes, imperceptível, distinguir a ficção da realidade nem sempre é fácil. Verdades desabrocham mentiras e vice-versa; boatos e opiniões estabelecem verdades; de tão fantástica, a realidade se torna incrível; interesses e conveniências podem desmoralizar ou estabelecer verdades; razões sociais, comerciais e diplomáticas afligem a sinceridade.

Quando as torres do World Trade Center ruíram em 11 de setembro de 2001, segundo dizem os meios de comunicação, abatidas pela ação de um pequeno grupo armado apenas com estiletes de cortar papel, muitas pessoas desconfiaram daquilo que seus olhos viam pela televisão. "Isto não pode ser verdade", duvidaram muitos, em reação à realidade incrível – aquela na qual o fato parece irreal, embaralhando ficção e realidade numa imagem turva. Filmes classificados como 'mentirosos' já perdem no quesito fantasia para a realidade de certos documentários.

Naquele 11 de setembro, o mundo mudou. As torres desabaram e, junto com elas, muitas verdades – inclusive a de que, protegido pelo dólar, pelo pentágono, pela Coca-Cola, pela CNN e por Hollywood, os EUA eram inexpugnáveis. Naquele episódio, sobre um vasto campo de verdades arruinadas, foram construídas realidades até então impensáveis.

O borralho ainda fumegava sobre escombros, estranhamente isentos dos sinais da morte e do sofrimento, quando fomos assaltados por um turbilhão de informações, desinformações, boatos e censuras que construíram a verdade que prevaleceu na época. Ganharam fama nomes até então conhecidos apenas em certos círculos, como Osama bin Laden e movimento Taleban. Com o respaldo da opinião publicada, governantes intimidados e da irresistível força das legiões do César Bush, em menos de um mês, julgado e condenado à revelia por cumplicidade terrorista, o indefeso Afeganistão foi invadido e ocupado. Nem por isso, conforme a história mostra, o terrorismo amorfo e sem rosto, fruto de injustiças econômicas, brutais processos de aculturação e radicalismos políticos e étnicos, foi derrotado.

Na seqüência, tendo por base um rígido sistema de controle e manipulação da informação, novas verdades foram construídas.

Devidamente cevada por dados fornecidos pelo governo dos EUA, que se aperfeiçoava com maior intensidade desde o 11 de setembro na gestão da informação, a mídia mundial nos empanturrou com notícias sobre 'perigos' dos novos tempos,

especialmente os representados por um 'famigerado' Saddam Hussein – homem diabólico de mil faces – e pelo Iraque – país que [embora sufocado por um severo embargo de mais de dez anos] estaria levando adiante um programa de Armas de Destruição em Massa, capaz de arrasas Londres em menos de 20 minutos. E o Iraque, acusado de pertencer, juntamente com a Coréia do Norte e com o Irã, a um quimérico 'Eixo do Mal' berço do terrorismo internacional, foi invadido e ocupado pelas tropas norte-americanas. As Armas de Destruição em Massa que justificaram a ação militar jamais foram encontradas, os vínculos do Iraque com o terrorismo internacional jamais foram provados. Nem mesmo as dezenas de sócias, que, segundo dizia a mídia, protegiam o sanguinário Saddam Hussein, apareceram.

Tudo fora fruto de uma mega operação publicitária que iludiu a todos, construindo as verdades que interessavam aos senhores da informação. Ficção e realidade intercambiaram posições, construindo as verdades e as mentiras que movem o mundo.

Estes primeiros momentos da Guerra do Iraque estão sendo muito elucidativos e comprovam muitas teses corajosas sempre acusadas de pertencerem ao domínio das panacéias e teorias conspiratórias.

Contando com a complacência e colaboração das principais agências noticiosas, o Pentágono criou um tal 'Embebed Project' cujo objetivo foi mostrar a guerra que interessava aos EUA. Surgiu, então, o War Show – ao invés de destruição, sangue, mortes e mutilações, a televisão mostrou um espetáculo de explosões coloridas como fogos de artifício, robustos soldados em trajes futuristas, armas modernas como as dos episódios de Star Wars. Até simulações de visitas presidenciais ao front e resgate de soldadas heroínas foram encenadas como forma de dar veracidade à nova realidade que emergiu na ocasião.

Em contraponto, vazam outras realidades e veio a público o horror, a morte, a tortura, a destruição e as mutilações próprias das guerras. Esta outra realidade vem sendo sufocada pelo controle da informação, incluindo a censura e a remoção dos focos de resistência. Peter Arnett – lendário ganhador do Prêmio Pulitzer por reportagens sobre a Guerra do Vietnã e que, em 1991, reforçara sua notoriedade mundial pela solitária cobertura que fez da I Guerra do Golfo para a CNN – foi demitido da NBC, e Geraldo Rivera – correspondente da Fox News – foi expulso do Iraque pelo Comando Central dos EUA sob a acusação de repassar ao inimigo informações estratégicas. Nos dias correntes, só se toma conhecimento dos aspectos mais horrorosos da guerra pelas transmissões da rede árabe Al Jazeera, que, por conta disso, é usualmente acusada pelos que dizem porta-vozes do chamado 'Ocidente' de colaboracionismo terrorista.

E, no jogo das versões que vêm a público, verdades e mentiras ocupam o mesmo espaço turvo construindo realidades que, muitas vezes, passam longe do fato real.

Para compor a nova realidade, são usadas técnicas antigas e novas de controle e manipulação da informação. A definição do que é notícia, a forma de apresentá-la, a escolha e a censura de temas e personagens, a forma de abordagem dos assuntos, a intensidade, a abrangência e persistência da veiculação das mensagens são algumas das técnicas usadas na modelagem e criação de novas realidades. Confirmando as observações do mestre Perseu

Abramo, fatos escolhidos arbitrariamente dentro da realidade efetivamente verificada são apresentados de forma fragmentada, com aspectos selecionados e descontextualizados, reordenados de forma invertida, que contraria a relevância, papel e significado, e, ainda, com partes reais substituídas por versões opinativas¹. Palavras como liberdade e democracia são usadas para designar novos cenários e a informação ganhou aplicação estratégica. Do boato ao fato, apenas a conveniência das convenções e o interesse daqueles que controlam as informações. Bernardo Kucinsky chega a dizer que, nas redações, houve uma rendição generalizada aos ditames mercantilistas ou ideológicos dos proprietários dos meios de comunicações²

Vale lembrar que este fenômeno não é recente. De fato, embora mais evidente na atualidade, a construção de realidades psicológicas vem de longas datas e apenas ganhou impulso com o aperfeiçoamento das modernas técnicas de propaganda e comunicação.

As massas sempre foram conduzidas pelas verdades que interessam aos poderosos e, na construção destas verdades pouco importa o fato real. A história mostra que inocentes foram e são condenados por veredictos que, longe da justiça, apenas traduzem a verdade oficial que interessa e convém às elites. Entre as vítimas dessas verdades construídas, despontam, entre tantos outros, o Iraque, que foi invadido em brutal episódio que já matou mais de 150.000 pessoas, e Jesus Cristo, que teve a vida terrena ceifada na Cruz aos 33 anos.

Nestes tempos modernos, regidos pelo fundamentalismo de mercado, a notícia deixou de ser um direito social e passou a ser, como quase tudo, um bem mercantil, estando sujeita a processos de comercialização como quaisquer outras mercadorias. Jornalistas foram levados a uma nova ética e, em muitos casos, assumiram a condição de assessores de imprensa – profissionais especializados em converter fatos, jornalísticos ou não, em notícias e, portanto, em realidades sociais.

Muitos dizem que, se não apareceu na mídia, o fato não ocorreu. Esta frase tomada pelo seu inverso afirma que, se apareceu na mídia, o fato ocorreu. Assim, a mídia tem a chave da construção e da desconstrução de realidades. Em função dessa capacidade, a mídia encarna um poder equiparável às grandes religiões, subjugando, substituindo ou induzindo ações e comportamentos. Não é a toa que se atribui à mídia o Quarto Poder, nivelando-a aos poderes republicanos executivo, legislativo e judiciário.

No ambiente mercantil, o sonho de consumo criado pela propaganda também estabelece novas realidades. Com efeito, a conjunção da mercantilização da notícia com a aplicação dos refinados programas publicitários despertam sonhos de consumo em realidades arrebatadoras que criam o 'consumismo' – eixo em torno do qual gira a sobrevivência do sistema que, hoje, controla o mundo.

¹ ABRAMO, Perseu. Padrões de manipulação na grande imprensa. São Paulo: Perseu Abramo. 2003. p. 32

² KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo na era virtual. São Paulo: Unesp, 2006. p. 17.

Vale dizer que, além de ser usada como item indutor do consumismo, a notícia passou a ser um decisivo elemento de controle social. O noticiário e o comentário correlato modula o comportamento geral, criando realidades que orientam as conversas e indicam o caminho que costuma ser trilhado pela maioria. Não é sem razão o caráter alienante de certos programas, confirmando o triunfo da banalidade tratado por Muniz Sodré como a 'comunicação do grotesco', que ocupa o tempo das pessoas, afastando-as de coisas que possam levá-las a pensar sobre a irrealidade da realidade que vivem.

Por isso e muito mais, no dizer de Bourdieu, que se especializou na mídia televisiva, que é um dos carros chefes da mídia, a televisão é um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica nos levando a compreender porque nos tranqüilizamos quando o ouvimos notícias de que a economia brasileira atravessa a melhor fase da história do país, embora os cruzamentos continuem repletos de mendigos e a insegurança cresça em função dos crimes famélicos.

A irrealidade da realidade criada pela mídia vem sendo objeto de muitos estudos. O sociólogo e professor francês Alain Accardo analisou a ética jornalística e apresenta sólidas razões para que se desconfie das informações transmitidas pelos grandes conglomerados de imprensa institucionalizada. Sobre este tema, Kucinski aponta que o vazio ético que grassa a mídia tem várias razões, incluindo o fim das fronteiras entre o jornalismo e a assessoria de imprensa, a fusão mercadológica entre o que é notícia, entretenimento e consumo, e, ainda, a concentração da propriedade dos meios de comunicação³

A zona nebulosa sobre o real, o imaginário, o virtual e o fictício se alarga à medida que a observação retrocede no tempo, pois a precariedade dos registros apaga certas verdades, possibilitando a construção de outras realidades, misturando boatos e fatos; histórias se modificam na cadeia da transmissão oral, em função das interpretações, simpatias, interesses e conveniências; interesses políticos e diplomáticos intercambiam realidades e mudam o curso da história. E, perdidas no emaranhado das novas realidades, as pessoas se questionam se a história oficial realmente aconteceu, dando razão a que muitos se perguntam se Armstrong esteve, realmente, na Lua ou se a Coréia do Norte explodiu, realmente, uma bomba nuclear?

Onde está a verdade? Onde está a mentira? O que é fato? O que é boato? O controle da informação e, portanto, do esquema que permite construir verdades e definir a opinião pública é uma peça central da estratégia militar, comercial e diplomática.

Ficção e realidade não ocupam posições antípodas. Mostram, apenas as duas faces da mesma moeda.

(*) Alexandre Santos é presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste

³ KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo na era virtual. São Paulo: Unesp, 2006. p. 18.